

IDEOLOGIA: QUEM QUER UMA PARA VIVER?

por MOISÉS NETO

INTRODUÇÃO

Discutindo a ideologia alemã

Os homens e suas idéias falsas sobre as coisas, na representações (de Deus, por exemplo) – criam e inclinam-se diante das próprias criações.

São necessários: pensamentos sobre a essência e atitude crítica para substituir as “idéias falsas”.

Desmascarar jovens hegelianos (cordeiros que se passam por lobos): produção filosófica é inferior pela alteração da qualidade (charlatanice).

Pós-Hegel, só Feurbach constituiria *progresso*. Os outros foram consciências egoístas e sua “fraseologia” (fingindo enfrentar o “real”) tecem esclarecimentos insignificantes quanto ao cristianismo, por exemplo.

PARTE I

1. Produção do meio de existência (história = homem + natureza) – determinismo *versus* modificação provocada pelo homem.

2. Relações entre indivíduos são condicionadas pela produção (assim como entre nações). *Desenvolvimento* é aperfeiçoamento de *divisão* do trabalho e isso afeta as relações entre indivíduos (e os produtos do trabalho).

3. A *primeira forma da propriedade*, a tribo, reflete o **poder patriarcal** na família (*escravatura* patente). *Segunda forma*: várias tribos numa única cidade (subsiste *escravatura*). Cidadãos ativos associam-se para conservar os “escravos”. Com a evolução da propriedade privada vem a concentração (cedo em Roma: estariam os “capitalistas romanos”) e transformação de pequenos camponeses em proletariado. A *terceira forma* é o feudo (que se eleva com a queda de Roma e a organização militar dos Germanos). Nobreza tem poder sobre os servos. Na cidade, os indivíduos que produziam *sós* se associaram contra a *nobreza voraz* e com seu capital contratavam “aprendizes” (em processo de hierarquia). A divisão comércio x indústria já existia nas

idades antigas – mais tarde desenvolveu-se nas cidades novas (concentração de terra interessa tanto à nobreza quanto às cidades – o rei a *unifica*).

4. Não é o que os indivíduos aparentam, o que *produzem* materialmente é que conta. Até a produção de idéias estaria condicionada a isso. (“O ser dos homens é o seu processo de vida real”) “Partir de terra para o céu” (p. 6/7), pois a vida determina a consciência. A partir daí, ideologias, moral e religião perdem autonomia – diante da ciência positiva, atividade prática.

5. É fundamental revolucionar o mundo. Em Feurbach, isso não vai além das “instituições isoladas” (p. 8), “germes susceptíveis de desenvolvimento”. Ele refere-se ao “homem” (o “alemão”) em vez de se referir a “homens históricos reais”. Ele não vê que o mundo sensível é produto histórico, atividade de gerações. Natureza é histórica e a história é natural (p. 9). O primeiro pressuposto de toda existência humana é que os homens devem estar em condições de poder viver a fim de “fazer história” (p. 10). “Um simples pedaço de madeira” implica na atividade que o produz – os alemães pensam assim? Marx/Engels dizem que “não” (p. 10). Já os ingleses e franceses foram os primeiros a dar à historiografia essa base materialista.

6. A estrutura das classes é condicionada pelo comércio, e a indústria que Feurbach não levou em conta – só o “físico” e o “químico” (o visível) – mas sem o trabalho (*do proletariado...*), ele não teria o que “contemplar” – só restaria a “geração” espontânea. Ele *idealiza em vez de propor transformar* a estrutura social). Deve-se estudar a “história dos homens” em estreita correlação com a história da indústria e das trocas (p. 11).

7. Família é relação subalterna. (mulher e criança = escravos). Consciência é produto social (p.12): se a de natureza animal assusta, a social é gregária. Daí vem o jogo entre o interesse do indivíduo ou da família *versus* o interesse coletivo de todos os indivíduos que se relacionam entre si. A sociedade civil tem por base a família ou o “clã” e este é o verdadeiro cenário de toda história e não acontecimentos históricos e ações políticas retumbantes. (p.15).

8. Há dependência recíproca dos indivíduos, porém o modo como é partilhado o trabalho e como o Estado (comunidade ilusória) é comandado passa por “laços” e “interesses” que forjam uma universalidade (ideológica) que é apenas um simulacro de *coletividade* (p.13). Só quando esta ideologia se transformar em “insuportável” virá a revolução, feita por homens privados de propriedades (p.14) querendo livrar-se desta “imundície”. Aí então, os homens *empiricamente universais*

viverão de fato a história mundial em vez de serem indivíduos vivendo numa atmosfera exclusivamente local ou motivados por superstições.

9. Se a relação entre oferta e procura paira sobre a terra como antiga fatalidade, cria e destrói impérios, com a *regulamentação comunista* os homens readquirem domínio da troca e produção. “Na vida comum, qualquer lojista sabe o que cada um pretende *ser* e aquilo que é realmente, mas a nossa história ainda não conseguiu chegar a esse conhecimento vulgar” (p.24).

10. Na Inglaterra do século XVI – a expansão pelo mar, o comércio, a manufatura – já se verifica a concentração ideológica ocidental num único país (a ideologia Francesa seria mais político-jurídica e inglesa econômica). Evitou-se a livre concorrência de outros países, adveio daí uma mesquinhez sórdida. Nasceu na Europa o comércio dos bancos (séc. XVII e XVIII). Dentro do país, a livre-concorrência só se tornou possível com revoluções: Inglaterra (1640 e 1688) e França (1789), que transformaram ideologia, religião, moral em “flagrantes mentiras” (p.32) e puseram os indivíduos em “tensão máxima” de sua energia. A indústria venceu o campo. Digamos que a Inglaterra tenha inventado uma máquina que na Índia ou na China tirou o pão e modificou a vida dos trabalhadores: isso seria “história universal” e pode ser verificada de forma empírica (p.16). Mas se o mercado mundial ficar comprometido com essas *patifarias*, a cooperação entre os indivíduos deve ser transformada pela revolução comunista porque uma classe, ou um país, não deve suportar todo o peso de sociedade, ou de outras nações, sem desfrutar das suas vantagens, embora a idéia de nacionalismo tenha que ser desvendada, para não servir a interesses de *alguns*, pois toda luta revolucionária é dirigida contra uma classe que dominou até então (p.17). A revolução deve ser a supressão das próprias classes, a destruição prática das relações sociais concretas de onde nascem as *bagatelas idealistas* (p.18): se o que cada geração encontra estabelecido é o que filósofos chamam “essência do homem” ou “substância”, o abalo revolucionário tem que ser parte para derrubar isso (p.18).

11. Os alemães, para Marx e Engels, estariam então em busca do “espírito puro” – fazem da ilusão religiosa a força motriz da história (p.19). Se na verdade o *reino de Deus* só existisse na imaginação dos homens, por que estes deveriam suportar tranqüilamente a inevitável exploração do homem pelo homem? Ou se revoltarem contra a sua sorte de forma “mítica”, como se pode ler em Feurbach? (p. 21).

12. Trabalho intelectual e trabalho material: dentro da classe dominante há os *ideólogos* (produzem a “universalidade”, o “interesse comum”) e os que têm *atitude*

mais passiva (que têm menos tempo para produzirem ilusões e idéias sobre suas próprias pessoas): resta à classe revolucionária representar a sociedade *inteira* – pô-la em choque com essa única classe dominante e, chegando ao poder, negar as condições sociais anteriores de forma mais decisiva e radical – nessa concepção, a revolução é permanente.

13. Indo além da “consciência de si”, de Hegel, Marx e Engels contrapõem o comunismo, mas ao analisar a transição idade média/Séc. XVI, eles não levam em conta os saques / matanças nas Américas (p.29): as “colônias”, para eles, transformam-se em “grandes consumidores” (p.30). O comunismo despoja as condições prévias de sua aparência “natural” e submete-as ao poder dos indivíduos unidos (37) sob pressão dos conflitos materiais. Só com a apropriação da totalidade das forças produtivas pelos indivíduos unidos será abolida a propriedade privada (p.43).

PARTE II

Leandro Konder e a questão da ideologia

“Todo termo filosófico é cicatriz de um problema irresolvido” (Adorno)

1. Diz a ideologia: “Decifra-me, enquanto te devoro”. Mas, desde os gregos: o que é conhecimento? (Platão: as “sombras” são diferentes dos seres “reais”) Quanto mais se conhece mais se desconhece (p.18). Se contrapusermos o empirismo contra “ídolos” – **tribo** (natureza), **caverna** (pessoal), **foro** (linguagem – “imperfeita”) e **teatro** (encenação) nos fortaleceremos para o momento em que o sentimento quiser afetar o intelecto.

2. Montaigne (abordando a “ideologia” sem nomeá-la) afirmou que os europeus superavam em barbárie o *Novo Mundo* (p.20). Diderot criticou a pretensão de universalidade e valorizou o taitiano que não usa o “teu” e “meu” para propriedade [como o Brasil antes da *Invasão Portuguesa* fazia].

3. Ideologia é tratada filosoficamente, em 1801, por Destutt de Tracy, França (p.21): precisamos decompor as idéias que nos guiam, alcançar suas bases (consciência = produto do meio). Napoleão (p.22) criticou tais ideólogos: os disse “metafísicos” em excesso. Já Fourier, socialista, estudou a atuação ideológica deformadora. Kant propôs o sujeito como *criador* do conhecimento e Hegel apontou o homem / sujeito como

criador da própria realidade conhecida. Ambos afirmam o poder do sujeito sobre o processo histórico. Singular e universal se pressupõem (p.27). Marx resolveu ajustar contas com Hegel no modo de *interpretar* a relação do Estado com sociedade civil: “Não é a constituição que faz o povo mas o povo que faz a constituição”. Ideologia é alienação quando há construção distorcida numa situação histórica *ensejadora* de distorção (p.31). Os seres na sociedade quando estão muito desunidos perdem a capacidade de se realizar e deixam o Estado “cumprir” leis (isso seria construção ideológica nos moldes preconcebidos de cidadania “hegeliana”). Ao detectar tensões Estado x sociedade civil (burguesa), a perspectiva de Hegel não teria sido *ampla*, pois esbarra na propriedade privada e o Estado não pode ser *determinado* pela propriedade privada, diz Marx, pois aí a ilusão ideológica estaria confundindo *universal* e *particular* e não deixando humano se tornar indivíduo (p.32) – “um verdadeiro ser da sua espécie”, no dizer feurbachiano, tudo que a espécie pode proporcionar (p.33). Na feroz competição em torno da riqueza privada, os indivíduos se comportam, destrutivamente, na área do mercado. A *abstratividade inócua* da religião favorece a ilusão da universalidade. A crítica do céu precisa ser a crítica da terra, não pode ficar no *plano especulativo*: a arma da crítica não substitui a crítica feita através das armas, mas pode sensibilizar o proletariado à revolta contra a propriedade privada. Aqui Marx amplia Hegel e sua filosofia encontra no proletariado *armas materiais* e este encontraria na filosofia suas *armas espirituais* (p.34). A origem de ideologia estaria na propriedade privada: as idéias dominantes *são* as da classe dominante, a que possui poder material e controla a produção espiritual. inclusive usando seus “teóricos” para validar suas idéias como as únicas razoáveis.

5. As limitações dos horizontes ideológicos diminuem a eficiência das ações históricas de qualquer modo? Nem sempre: em Shakespeare, Sófocles, Homero, as *marcas de ideologia* não “desqualificam” essas obras (Marx os admira) (45) (ver Barthes” o Prazer do texto”, p. 41) mas as “arranha”.

6. Trabalho é necessidade do metabolismo humano – mediação com natureza (p.46) – mas o fetiche de mercadoria faz com que nos esqueçamos dos sujeitos que manipulam “preços” e controlam os homens que *não sabem* o que estão fazendo, mas fazem-no: consciência, honra, etc., podem ser vendidas / compradas (p.48). A emancipação do homem depende desse *encontro*. Marx busca aí a raiz da **alienação**, quer resolvê-la como alternativa à *sociedade hegemônica* pela burguesia e propõe que

o pensamento alcance uma compreensão da realidade que reaja às distorções ideológicas e fortaleça ações *desalienadoras* no mundo alienado (p.35).

7. O trabalho não deve resultar em *desumanização*. Se Hegel não olha aspectos negativos do trabalho (distorcido e degradado) regido pelo capital que prostitui aqueles que seduz e se torna a divindade *visível* que usurpa o lugar de Deus e tudo inverte, Marx observa essas distorções da ideologia individualizante que incitam o indivíduo a pensar *descontextualizadamente*, fora da história (p.38), pois o capitalista compra sua força de trabalho, explora o “valor de uso”, extrai dela a “mais valia”, paga-lhe o salário (valor de troca) – correspondente ao que era antes de criar valor, mas força *motriz* dessa ideologia permanece ignorada (a divisão de classes).

PARTE III

Mas afinal: o que é mesmo ideologia?

1. **Marilena Chauí** reforça as teses marxistas: ideologia é o ideário histórico e sócio-político que “oculta” a realidade, dá a exploração econômica, desigualdade social e dominação política. Se o uso depende de quem ordena a produção, estaria o empregado em condição “inferior”? Se não enquadrarmos isso como um *problema histórico*, sim. Ele deve transformar e dominar a realidade (p.16) através do trabalho: explorar ou ter sua força explorada (assalariado), ser “autômato” ou ativo.

2. O significado das coisas pode ser relativo. O real é “processo” e o empirismo (sentidos) ou idealismo (exame, produção de idéias) em si são insuficientes para entendê-lo. É das relações sociais que devemos partir (conservá-las ou transformá-las) – tratá-las como um *processo histórico* (o contrário seria apenas ideologia). Quando uma classe usa *artifícios* para se legitimar e assegurar o seu poder, escondendo o modo real das relações sociais, esse “ocultamento” é *ideologia*. Entre a reforma ou revolução, a *desconstrução* das ideologias seria uma *alternativa* inicial.

3. O positivismo de Comte teria ajudado a *manipular e controlar* a realidade social (p.32) com sua “previsão” científica – os teóricos mandam, os “ignorantes” obedecem. O poder pertenceria assim aos tecnocratas. Marx não separa a produção de idéias das condições sócio-históricas nas quais são produzidas. Em Hegel, a realidade aparece como cultura, o *real* é a manifestação do espírito. Um ser depende do outro que é sua negação (ex: senhor/ escravo) e *história* é o que o espírito é *em si* (obra cultural):

ele “sai” de *si* e cria a cultura e “volta” para refletir. Afinal, história seria *reflexão* (p.41). O espírito seria aí sujeito da história. Para ele, quando o sujeito não se reconhecesse como produtor das obras / sujeito da história, ele estaria *alienado* (p.42). Mas como a realidade aparece e como é “produzida”? Nesta *dialética*, (divisões / contradições / reflexão) a contradição se estabelece entre os interesses de cada classe social (p.46). O Estado seria o mediador. Marx critica esse poder que é conferido em Hegel ao Estado e propõe também uma dialética materialista, em vez de “espiritualista”: a luta de classes. Para Marx, classes sociais são o “fazer-se” e a divisão social do trabalho viria desde a procriação. Então, a divisão de tarefas na família, comércio, proprietário e *não-proprietário*, campo x cidade, trabalho manual x intelectual, sociedade x política, instituições sociais x Estado. Tudo isso marcado por luta ou alienação (Deus seria a alienação suprema em Feurbach). Marx ainda contrapõe: o homem é “ser histórico” que faz *diferente* em *condições diferentes* (não haveria uma “essência” humana). A alienação religiosa seria efeito da alienação do trabalho – onde o produto domina e ameaça o trabalhador. Mercadoria é realidade social (p.54). Dinheiro também é mercadoria (p.55): o produto do supermercado se relaciona com o menino-que-faz-pacotes. Um cigarro vale “um estilo de viver”. Valem 2 reais a hora a força de trabalho de uma doméstica (homem=coisa). A mercadoria é **fetiche** (existe em si e por si) como no *fetiche religioso* (deuses, objetos, gestos, símbolos) e os crentes (consumidores) seriam dominados neste mundo capitalista, nesta *imensa fantasmagoria*. Esta **reificação** (p.56) estaria até na procriação, pois esta determinaria a forma de intercâmbio e de cooperação entre os homens, forma da produção na divisão do trabalho. A ideologia burguesa afirma que “educação é um direito de todos”. Isso não ocorre (então há contradição entre a “idéia” de educação e a realidade): os analfabetos são o *efeito*, a “conseqüência”. (p.63).

4. Para haver revolução, o capitalismo deveria estar bem desenvolvido (sem isso haveria carência e escassez), e isso tem que acontecer em todo o planeta. “Capitalismo é o pressuposto prático do comunismo”. E não são **mudanças** de *regimes políticos*, mas as **das relações de produção** que determinam as forças políticas de dominação (p.68). A história é a história da luta de classes e o sujeito da história são as classes sociais (p.71). Quando o Estado domina e a relação dos indivíduos com a classe parece imutável, as leis servem como instrumento dos dominantes de onde emanam as “tapeações idealistas”. Não é crítica, mas a revolução, a “força matriz da história” (p.74) – a teoria deve conduzir à liberdade objetivamente (ao contrário da ideologia). Da

relação dialética (movimento das contradições) entre teoria e prática vem a revolução (p.75).

5. A ideologia é usada pelos dominantes para exercer dominação (e ocultá-la) substituindo-a por “natureza”, Deus ou deuses, razão, ciência, sociedade, Estado – que *se cristalizam como “verdades”*, fazendo crer que estas *idéias* não foram “feitas” por ninguém (p.80). A própria *idéia* de família não se sustenta diante da realidade histórico-social da família. Muitas vezes o trabalho não dignifica, mas entorpece e brutaliza o homem histórica e socialmente. O Estado e a ideologia são instrumentos de dominação (p.82). O grande sentimento do Estado é “idéia” de Direito. Na realidade concreta, há classes distintas e a universalidade das idéias é abstrata. Gramsci diz que é preciso se redefinir a idéia de nação antes de empunhar a bandeira do nacionalismo (p.88). O estilo *taylorista* (que separa as fases de produção) e o *fordismo* (empresa controla da matéria prima até a distribuição comercial) são exemplos das táticas da classe dominante.

Conclusão

A ideologia não pode dizer tudo, pois se dissesse se destruiria por dentro.

A ideologia não tem história, ela fabrica uma história imaginária.

Desconstruir este simulacro é tarefa de *um pensamento não-ideológico*.

BIBLIOGRAFIA

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 2001.

KONDER, Leandro. **A questão da Ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARX, Karl e Engels. **A ideologia Alemã**.